

# historia: fronteiras



**Vol. I**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)



Volume I

# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

## A CONCEPÇÃO DE NATUREZA NA GUERRA DOS PELOPONÉSIOS E ATENIENSES, DE TUCÍDIDES

---

Anderson Zalewski Vargas  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

**E**ste artigo é resultado de uma pesquisa de doutorado que estuda a idéia de natureza na História<sup>1</sup>. Aborda-se aqui a noção de meio natural na obra tucidideana procurando-se mostrar a existência de uma certa ambigüidade na postura do historiador que o afasta da figura do cientista atribuída a ele por boa parte de seus analistas modernos.

Na historiografia sobre Tucídides, o tema da natureza é considerado, mesmo que *en passant*, por estudos que procuram determinar a modernidade da História<sup>2</sup>. No início deste século, sob a influência do positivismo, diversos pesquisadores classificaram-na como precursora da cientificidade da história: nela foi identificada a presença de vários elementos *modernos*, tais como a concepção de objetividade análoga às das ciências naturais, a noção de progresso, a visão utilitária da prática do historiador<sup>3</sup>.

Hoje o positivismo é passado e um dos alvos preferidos da crítica histórica. A obra de Tucídides, todavia, continua sendo objeto de inquéritos que procuram mostrar, ou salvar, sua modernidade<sup>4</sup>. Dentre os aspectos analisados está o tema deste artigo, pois a relação homem-natureza é elemento central de toda cosmologia<sup>5</sup>. A história moderna, na busca de suas origens, necessita encontrar naquele que vê como “fundador” a sua visão do meio natural: este deve ser uma ordem mecânica, secular, separada e independente do domínio humano<sup>6</sup>.

A pretensão de identificar na *História* elementos de nossa cosmologia não é totalmente absurda. Tucídides viveu, pesquisou e escreveu no momento em que surgia nossa concepção racional

do cosmo, do homem e do conhecimento; por conseguinte, sua obra pode ser uma fonte para a compreensão dos primeiros passos de uma visão de mundo cujo surgimento, entre outras coisas, colocou em xeque a idéia de que o homem vivia em um universo especialmente significativo para a sua existência<sup>7</sup>. Entretanto, se afirmações como a de Cynthia Farrar – de que o homem grego, apesar de liberto de uma cosmologia em que pertencia obrigatoriamente a uma ordem imposta externamente, ainda contemplava a natureza como uma realidade estranha e misteriosa<sup>8</sup> – é provável que a investigação da *História* revele elementos que não se coadunem perfeitamente com as interpretações a ela atribuída pelas concepções científicas da disciplina histórica. É o que sugere esta análise sucinta de algumas passagens da obra tucídideana: o famoso historiador ateniense não foi um místico, mas também não foi a realização do estereótipo do cientista que contempla a natureza sem qualquer acento moralista<sup>9</sup>.

#### A NATUREZA INDIFERENTE

84

Quando Tucídides escreve as razões pelas quais Temístocles decidira persuadir seus concidadãos a fortificar o Pireu (I, 93,3), ele menciona o fato de que o então estrategista ateniense considerava o local como extremamente favorável por possuir três portos naturais (*nomízon tó te xoríon kalòn einai liménas exon treis autophueis*). Mais adiante (IV, 3,2), o historiador relata que um dos argumentos que outro estrategista ático, Demóstenes, utilizara em seu esforço vão de convencer seus colegas a construir uma fortificação no promontório deserto de Pilos era o fato do local ser “fortificado por natureza” (*physei kartèron*). Tanto o Pireu quanto Pilos eram adequados aos planos dos estrategistas por razões naturais. O que faz com que algo seja natural na História?

Não há resposta evidente para esta indagação. Antes de mais nada porque Tucídides não se preocupa em respondê-la diretamente. Sua obra relata as ações (*tà d’erga tôn prakh thénton*) e as palavras (*hósa mèn lógoi eípon*) do que história, e dispensa tanto uma investigação física quanto metafísica da realidade<sup>10</sup>. No entanto, algumas idéias podem ser deduzidas da análise do con-

texto das passagens analisadas e das palavras usadas para qualificar as localidades referenciadas.

É evidente nos passos em questão que o sentido de natural decorre de sua oposição àquilo que é artificial, isto é, produzido pelo homem. Isso resulta, em parte, da própria narrativa – a conformação vantajosa do Pireu e de Pilos é apresentada como uma razão extra para que se realize a ação humana de fortificação proposta pelos estrategos. Tucídides partilhava, portanto, da distinção que hoje nos é comum mas que não era muito antiga para os gregos do período clássico<sup>11</sup>. A clara diferenciação entre os produtos naturais e artificiais corresponde a uma evolução da consciência humana sobre a sua singularidade frente ao mundo circundante e à conseqüente separação entre as esferas do humano e do natural. É no século V a.C. que esta distinção se estabelece de forma mais evidente, sendo corporificada no próprio vocabulário com a utilização de termos específicos para designar o natural e o artificial. Nas passagens em questão estes termos são: *autophyês* e *physis*.

O adjetivo *autophyês* e o substantivo abstrato *physis* são termos derivados do verbo *phyein*. Na voz ativa (*phyô*) este verbo significa fazer brotar, nascer, produzir; na voz média (*phyenai*), nascer, brotar, crescer<sup>12</sup>. *Autophyês* e *physis* estão ligados, portanto, ao tema do nascimento e crescimento das coisas, transmitido através da raiz *phy-*. O primeiro vocábulo teve desde cedo o sentido de “nascido e crescido por si mesmo” por oposição àquilo que é produzido pelo homem<sup>13</sup>. Por conseguinte, o próprio vocábulo grego *autophyês* indica que os dois portos do Pireu tinham “nascido e crescido por si mesmos”, ou seja, conforme nos sugere o contexto da descrição, não tinham resultado da interferência humana.

Já a *physis*, entre suas diversas acepções, também foi empregado no século V para designar as coisas que existiam independentemente da ação humana<sup>14</sup>. Seu sentido denotativo é o de “brotação”, “ato dinâmico de nascer e crescer”<sup>15</sup>, e a palavra parece ter sempre mantido essa primitiva força verbal<sup>16</sup>. Mas diversos outros significados e sentidos foram atribuídos à *physis* conforme a posição assumida pelo seu enunciador sobre o tema do nascimento: constituição físico-biológica, essência, substância ca-

pacidade, origem, ordem natural etc. Na segunda metade do período clássico a antítese *physis-nomos* (natureza-convenção) consagrou a oposição entre o produzido por si mesmo e o produzido pelo homem, refletindo um dos aspectos da reflexão grega sobre o homem e o mundo. É este o sentido do dativo *physei* na passagem de Pílo que, no entanto, só é deduzível pelo contexto da descrição tucídideana: a localidade da Lacedemônia era forte por natureza, isto é, sua peculiaridade não era fruto do trabalho humano.

Contudo, Tucídides não se preocupa em esclarecer o que faz com que o natural se distinga do humano. Para boa parte dos contemporâneos a resposta seria óbvia: a ação de um princípio divino. Seria este o responsável pelo desenvolvimento de todas as coisas existentes e pela conformação dessas coisas a um determinado tipo. Para a maioria dos gregos antigos a divindade permeava, e não transcendia, todo o cosmo e era compreendida na e por meio da experiência natural<sup>17</sup>. Os deuses manifestavam-se através dos eventos naturais e também intervinham na própria conformação dos territórios. Segundo Heródoto, por exemplo, os tessálios acreditavam que Poseidon criara a garganta que unira o curso dos rios mais importantes da Tessália e proporcionara o esvaziamento da região até então encoberta pelas águas (VII, 129,4). Na *História*, Tucídides não se refere em nenhum momento ao meio ambiente como algo produzido para o homem, esta idéia cara à cosmologia interconectada<sup>18</sup>. Para tanto seria preciso que a divindade se fizesse presente no seio do próprio desenrolar dos acontecimentos narrados pelo historiador e não apenas nos discursos de sua obra. Os deuses do historiador ateniense são tão afastados da realidade humana quanto os de alguns filósofos como Demócrito e Epicuro<sup>19</sup>. Na doutrina atomista do primeiro, contemporâneo do historiador ateniense, poderia ser encontrada, inclusive, uma explicação: a da conjunção contingente de átomos. Lamentavelmente, Tucídides não faz nenhuma referência a átomos, e em seu texto não encontramos a noção criada por Demócrito para designar a “natureza própria das coisas” – *ete*<sup>20</sup>.

Mas é possível que a idéia de causação natural estivesse na mente de Tucídides quando considerava a natureza como algo

impessoal. Em sua época, a tarefa de consolidar a autonomia humana, à qual seu trabalho pode ser relacionado, envolvia a afirmação da causalidade material<sup>21</sup>. Graças a ela, o historiador e outros racionalistas gregos puderam afirmar a natureza dessacralizada de acidentes geográficos e de fenômenos como terremotos, maremotos e eclipses. É o que faz Tucídides quando interliga corretamente – conforme as ciências do seu e do nosso tempo – eclipses solares às fases de luas cheias (II, 28, 1), e a ocorrência de maremotos à de terremotos (VII, 89, 9). Descritos desta forma, estes fenômenos são fatos em si, como hoje podemos concebê-los, e não sinais que possam indicar ao homem algo de sua situação presente ou futura. Nesse aspecto, Tucídides aproxima-se da cosmologia moderna, dando-nos a equivocada idéia de contemporaneidade absoluta de sua *História*.

#### A NATUREZA MISTERIOSA

Há evidências, entretanto, de que Tucídides, em outros momentos de seu trabalho, não conseguiu ser de todo indiferente à concepção que predominava entre os seus contemporâneos. Particularmente em dois momentos ele comporta-se de forma ambivalente quanto à idéia de interconexão das coisas humanas e naturais. Uma delas é a famoso rol de desastres citados pelo historiador como prova da magnitude sem igual do conflito por ele historiado (I, 23,3). Tucídides argumenta inicialmente que a guerra que ele testemunhara ultrapassara em extensão de tempo (*mêkós te méga proube*) o conflito entre gregos e medos (I, 23,1). Logo em seguida, complementa: a guerra também comportara desastres (*pathêmata*) “jamais vistos em igual período de tempo”. O termo grego *páthema* transmite a idéia de experiência sofrida pelo homem e causadora de dor, aflição, dano, afetando tanto sua alma quanto o seu corpo. No que consistiram as experiências dolorosas mencionadas por Tucídides, causadoras de dano e sofrimento? Jamais houve tantas cidades conquistadas e despovoadas, algumas por bárbaros, outras nos combates entre eles [os helenos] (e algumas cidades conquistadas sofreram uma mudança total de habitantes); jamais tantos foram exilados e massacrados, em decorrência da guerra ou de lutas civis (I, 23,3)<sup>22</sup>.

88

Todos esses desastres nos parecem essencialmente humanos. Não são mencionados deuses ou qualquer outra entidade divina; unicamente os homens – gregos e bárbaros envolvidos em uma conflagração desprovida de qualquer acento metafísico – são apresentados como os causadores de todas as experiências dolorosas arroladas pelo historiador. A sua narrativa estabelece o significado especial destes fatos pelo ineditismo da grandeza dos mesmos e, conseqüentemente, pelo ineditismo do dano e sofrimento que atingiu os homens envolvidos. Até aquele momento da história helênica, nunca tantas (*tosaíde*) cidades tinham sido tomadas e despovoadas (*éremóthesan*). O verbo grego *eremóo* (*erhmow*) transmite o sentido de desolamento resultante da guerra: comunidades inteiras de gregos tinham sido arruinadas pela guerra. E Tucídides acrescenta: houve, inclusive, cidades que sofreram uma mudança (*metébalon*) completa de habitantes. Isto é, populações – por morte, escravidão, exílio – tinham sido retiradas de seu território e substituídas por outras. O historiador conclui sublinhando a razão da excepcionalidade dos fatos: nunca tantas (*tosaíde*) pessoas tinham sido exiladas e massacradas, pela guerra ou pelas lutas intestinas por ela desencadeada. A dor, a ruína e o aniquilamento também foram produzidos pela luta fratricida de cidadãos<sup>23</sup>.

Logo a seguir, para surpresa de nossa sensibilidade moderna, a lista de desastres é continuada pela menção de outros, cujo caráter nos parece antitético ao daqueles inicialmente mencionados. Além disso, aquilo que anteriormente se contava nos relatos orais, mas que raramente se verificava nos fatos, perdeu seu caráter de inverosimilhança: os terremotos foram os maiores em extensão e violência; eclipses do sol se mostraram mais freqüentes do que os lembrados pela memória; as secas foram as maiores em certos territórios, e também foram seguidas pela fome, e enfim, a causa maior de dano e, em grande parte, de aniquilamento – a peste. Tudo isso, na verdade, ocorreu *simultaneamente* com a guerra. (I, 23,3) Antes de mais nada, chama atenção o anúncio de que certos informes contidos nos relatos orais (*akoi*) adquiriram, graças à guerra, foros de verdade. Esta transformação é destacada pela antítese de  $\alpha$ )κοη = (*akoê*) a  $\epsilon$ )ργω (*ergô*)<sup>24</sup>:

o que antes eram meras histórias contadas de boca em boca tinham, graças à guerra, se tornado fatos estabelecidos, dignos de confiança. Isto surpreende porquanto um dos argumentos que Tucídides utilizara pouco antes para definir a autoridade de seu relato fora exatamente a superioridade deste sobre as *akoai* (I, 20;21). Em parte porque, segundo o historiador, estas se sustentavam na memória suscetível ao desgaste do tempo; em parte porque constituíam modos de transmissão do passado que dispensava ou não incentivava a busca da verdade por parte do ouvinte<sup>25</sup>.

O segundo aspecto que surpreende na passagem analisada é o fato de que os desastres listados serem naturais: terremotos, eclipse, secas, fome, peste. Por que estes fatos inumanos estão arrolados juntamente com aqueles causados diretamente pelo homem? Simon Hornblower observa que esta parte da *História* causa embaraços a seus comentadores<sup>26</sup>. É embaraçosa porque Tucídides parece sugerir que houve alguma vinculação entre eventos humanos e naturais. E qual seria outra explicação? Além da proximidade no texto entre os dois róis, a inter-relação é sugerida pela inesperada atribuição de autoridade aos *logoi* inverosímeis, o que faz das “forças externas” parte dos acontecimentos (*erga*) da guerra<sup>27</sup>. Além disso, não se pode pensar que a guerra os tenha causado diretamente. A peste ainda pode ser parcialmente atribuída ao amontoamento, informado por Tucídides (II, 52, 1-2), de pessoas por trás dos muros de Atenas. No entanto, essa hipótese é enfraquecida pelo fato do próprio autor afirmar sua incapacidade de descobrir a causa do mal que aniquilou os atenienses (II, 48, 3). Poderíamos ainda supor alguma ação humana por trás da seca e da fome, mas não é feita nenhuma menção a isso na *História*. Já terremotos e eclipses não podem ser, obviamente, relacionados a alguma causa humana. Obviamente segundo uma concepção racional de mundo, pois para uma cosmologia interligada a relação seria e é evidente. E o caráter de portento destas ocorrências é ainda sugerido pela menção dos eclipses solares. Estes só poderiam causar sofrimento e aflição – só poderiam ser incluídos na categoria de *pathêmata* – para aqueles que vissem em tais ocorrências sinais dos céus. É sintomático que Tucídides mencione especialmente os eclipses solares e

silencie sobre os lunares. Sabe-se que os primeiros, apesar de mais frequentes, são de difícil visualização pelo homem, resultando assim mais raros<sup>28</sup>. Além disso, o desaparecimento do sol sempre causou temores para aqueles que o consideravam uma divindade. Assim, a menção à maior frequência dos eclipses solares durante a guerra assume seu sentido de portento significativo, ao mesmo tempo que confirma o caráter prodigioso dos demais fenômenos qualificados pela sua inédita frequência e violência.

Por fim, a idéia de relação é transmitida pela afirmação da simultaneidade (*metà toude*) das duas cadeias de acontecimentos. Mas a idéia de simultaneidade deixa imprecisa a de conexão causal dos fatos porque não afirma claramente sua inter-relação. E a clareza (*tò saphès*) da *História* acabara de ser apresentada como fator que a distinguia tanto das obras dos poetas, quanto dos trabalhos dos logógrafos, que sacrificavam a verdade do fato narrado ao maravilhoso desejado pelas audiências<sup>29</sup>. De uma forma geral, a clareza corresponde ao desejo do pensamento racional ser direto, claro e preciso, por oposição ao mito qualificado como indireto, obscuro e ambíguo<sup>30</sup>. Não obstante isso, Tucídides apenas escreve que houve uma coincidência temporal de sofrimentos causados pelo homem e pelos fenômenos da natureza. Mas tal coincidência também é razão da magnitude da guerra narrada. Sugere-se pois, de forma imprecisa, a existência de algum elo entre ambos, o que era algo indiscutível exatamente para a tradição que via as esferas humana e natural como regidas pelo mesmo princípio de moral e justiça. Segundo ela, um desastre de tal monta como a guerra entre atenienses e peloponésios não podia deixar de implicar em um desequilíbrio da natureza.

A posição de Tucídides é, por conseguinte, ambígua. Ele silencia sobre o verdadeiro caráter dos acontecimentos, e o silêncio é, por omissão, prolixo<sup>31</sup>. O leitor pode fazer duas interpretações – ou foram dois conjuntos de desastres independentes, ou apenas um imenso sofrimento, causado por uma realidade una, em desequilíbrio. E estas duas interpretações também são possíveis quando do relato da segunda ocorrência da peste em Atenas. Nele Tucídides repete a mesma equação equívoca: o mal atingira a cidade ao mesmo tempo (*tote*) em que terremotos ti-

nham ocorrido em várias regiões da Grécia: na própria Ática, na ilha da Eubéia e na Beócia (III, 77,4).

Na opinião de Nanno Marinatos, Tucídides explorou, nestes momentos, o pensamento religioso de seu tempo para mostrar o caráter excepcional do objeto de sua atenção<sup>32</sup>. Tucídides pode, realmente, ter explorado as crenças que sabia serem as da maioria de seus concidadãos para conquistar e manter a atenção do leitor. É igualmente possível que esta ambígua visão dos desastres da guerra seja evidência de uma certa insegurança de Tucídides em relação ao caráter da história. R. Lenoble argumenta que, naquela época, o homem ainda não adquirira consciência de si suficiente para enfrentar uma realidade ainda vista como carregada de *mana*<sup>33</sup>. A consolidação da interioridade psicológica fora obtida praticamente às custas do interesse pelo mundo externo: praticamente inexistente uma interpretação do mundo físico na filosofia de Sócrates, a qual marca o início da descoberta do “eu interior”<sup>34</sup>. Como vimos, Tucídides também não se interessou pela especulação física e metafísica; talvez ele a tenha ignorado propositalmente por temê-la como ameaçadora à autonomia que propunha para a existência humana. É com esse sentido que C. Farrar observa que Demócrito e Tucídides viram na ordem cósmica uma ameaça<sup>35</sup>. Demócrito, que procurara igualmente afirmar a liberdade do homem, bem como a possibilidade de conciliar esta liberdade com a ordem política, considerara o mundo externo como imprevisível e incompreensível, apesar de não mais concebê-lo como coercitivo<sup>36</sup>.

A ambiguidade presente na passagem dos desastres da guerra podia originar essas interpretações diversas da história em outros trechos do texto de Tucídides. Em momentos que fenômenos naturais são citados sem que sejam acompanhados de explicações científicas. Quando, por exemplo, o historiador escreve o saque da cidade cária de Cós Merópida pelo almirante espartano Astíocos, ele observa, que a cidade não era fortificada porque um terremoto, “o maior de todos conhecidos”, a arrasara naquela ocasião (VIII, 41,2)<sup>37</sup>. Isso pode ser visto como exemplo de interesse por fatos extraordinários, ou como uma lembrança da *estranha* simultaneidade dos portentos humanos e naturais,

possível indicadora da relação que a tradição estabelecia entre a natureza e a sociedade humana. A interferência da natureza na história, de acordo com ela, não seria propriamente um acidente, mas um sinal de uma ordem cósmica integradora: uma ordem moral que abarcava todo o cosmo em seus aspectos humanos e naturais<sup>38</sup>. O leitor da época provavelmente não deixaria passar despercebida essa ambigüidade da *História*.

Tucídides afasta-se, assim, da imagem do cientista frio e ateu atribuída a ele por boa parte da historiografia. Sua posição ambígua é suficiente para frustrar as expectativas de que ele tenha sido o precursor de uma postura que, talvez, nem em nossos tempos possamos encontrar.

## NOTAS

<sup>1</sup> *História*, daqui por diante, indica a obra de Tucídides.

<sup>2</sup> Ver discussão historiográfica de MARINATOS, Nanno. *Thucydides and religion*. Königstein, Hain, 1981, pp. 01-08.

<sup>3</sup> Para muitos, Tucídides teria escrito sua *História* com o objetivo de auxiliar os políticos do futuro a prever e a dirigir o suceder dos acontecimentos Cf. MARINATOS, Nanno. *op. cit.*, pp. 01-14; STAHL, Hans-Peter. *Des Stellung des Menschen im deschtlichen ProzeB* (A posição do homem no processo histórico. Versão de diversos tradutores - reprografado). München. Verlag C H Beck. 1966, pp. 01-04.

<sup>4</sup> Em *Leões alados e círculos triangulares*, Francisco Murari Pires comenta os esforços de autores contemporâneos para conciliar o ideal de precisão (*akribia*) tucídideano com os preceitos metodológicos modernos. Estes esforços, apesar de extremados, esbarram com freqüência em incorreções da *História*, tais como a da largura dos canais norte e sul que dão acesso ao promontório de Pílos, no antigo território dos lacedemônios. Ao contrário do indicado por Tucídides (IV, 8), medições modernas mostraram que eles comportam a passagem simultânea de um número de navios maior do que, respectivamente, dois e oito ou nove. PIREs, F.M. *Leões alados e círculos triangulares*. Artigo inédito, p. 05.

<sup>5</sup> Este conceito é definido por Th. Oudemans e A. Lardinois como sendo o conjunto dos preconceitos que uma cultura possui a respeito da posição do homem quanto às esferas da natureza e da religião, às diversas conexões sociais, ao nascimento e à morte, à ordem do ser em geral. É uma tentativa de precisar a idéia de visão de mundo, usada correntemente como conceito, mas nem sempre precisada a ponto de poder ser considerada como tal. Cf. OUDEMANS, Th. e LARDINOIS, A. *Tragic Ambiguity. Anthropology, Philosophy and Sophocle's Antigone*. Leiden, New York, E.J. Brill, 1987, p. 01.

<sup>6</sup> *Idem*, pp. 29-47; LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Lisboa, Edições 70, 1990 (1968), pp. 257-281.

<sup>7</sup> Porque, nesta cosmologia, o cosmo não é simples matéria sem vida, mas um todo animado que engloba e interliga o homem e todas as coisas existentes. Assim, o destino humano está ligado ao destino do mundo, e pode ser lido nas estrelas e nos fenômenos naturais. Esta concepção é uma das características essenciais do que Oudemans e Lardinois denominam de cosmologia interligada, característica da maioria das sociedades humanas. Cf. *op. cit.*, p. 03.

<sup>8</sup> Cf. FARRAR, C. *op. cit.*, p. 20. Aristóteles afirmou, por exemplo, que a *physis* era demônica (Acerca da adivinhação dos sonhos, 463 B 12-5). Ao dizer isso queria caracterizar a “misteriosa força de vida que”, para o grego, “anima e põe em movimento a natureza toda”. Cf. VERNANT, Jean-Pierre. “Aspectos da pessoa na religião grega”. In VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990(1973), p. 346.

<sup>9</sup> Mesmo quando o cientista opta por estudar retirado do mundo, ao lado do seu laboratório sempre tem o seu oratório, escreveu Robert Lenoble, sublinhando a indissociabilidade dos aspectos científico e moral da observação da natureza. Não existem, segundo o autor, nem o sábio, nem o moralista puros. “O homem que escruta é sempre aquele cuja ciência de seu tempo (...) lhe define a situação no mundo. Onde o pequeno estratagemas que sempre causou estragos, e continua hoje mais do que nunca a causá-los, de <provar>, através da ciência, a moral que se professa”. Cf. LENOBLE, Robert. *op. cit.*, p. 29.

<sup>10</sup> Reflexo disso é o fato de que, na *História*, com exceção das passagens em análise, as demais referências à natureza dizem respeito à natureza humana. Neste aspecto o contraste com Heródoto é radical - na obra deste predominam os empregos relativos ao meio natural, o que inclui referências a animais e vegetais. Isso confirma o que já foi destacado por outros pesquisadores: com Tucídides há uma considerável restrição do campo atinente ao historiador. Sobre o uso de *physis* em Heródoto ver POWELL, J.E. *A lexicon to Herodotus*. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1977; quanto à restrição do campo histórico na História: CRANE, Gregory. *The blinded eye. Thucydides and the new writtem word*. Boston, Rowman & Littelfield, 1996.

<sup>11</sup> Anaximandro (610-540) ainda aplicou a categoria da *dike* (justiça) ao mundo natural, o que indica que para ele as esferas do humano e do natural não eram completamente separadas. Cf. OUDEMANS, Th. e LARDINOIS, A. *op. cit.*, p. 06.

<sup>12</sup> Cf. MURACHCO, Henrique Graciano. “O conceito de *physis* em Homero, Heródoto e nos pré-socráticos”. In *HIPNOS*, São Paulo, EDUC/Palas Atena, n° 02, 1996,

<sup>13</sup> De acordo com os dicionários de Liddle-Scott e A. Bailly esta distinção já se encontra na Teogonia de Hesíodo, onde *autophyês* é usado para qualificar os umbrais (oudós) do Hades (v. 813). Mas é depois do século V que a distinção natural-artificial torna-se evidente, com o aumento da utilização de termos que distinguem os dois domínios. *Autophyês*, em particular, é empregado com este sentido por, entre outros, Xenófanes, designando o estado natural de certas montanhas não violadas pela trabalho humano das pedreiras e das minas (Vect. 4,2). Da mesma forma, Teofrasto utiliza a mesma palavra para designar o caráter selvagem de certas plantas (C. P. 3, 1,1).

<sup>14</sup> A complexidade dos sentidos atribuídos à *physis* pode ser verificada em HEINIMANN, F. *Nomos und physis. Herkunft und Bedeutung einer Antithese im*

*griechischen Denken des 5. Jahrhunderts*, Schweitz. Beitr. z. Altert. Wiss., H. 1 Basel, 1945.

<sup>15</sup> Cf. MURACHCO, H. G. *op. cit.*, p. 14.

<sup>16</sup> Cf. HEINIMANN, F. *op. cit.*, p. 89.

<sup>17</sup> Cf. OUDEMANS, Th. e LARDINOIS, A. *op. cit.*, p. 63.

<sup>18</sup> Este aspecto é destacado por LENOBLE, R. *op. cit.*, pp. 39-50.

<sup>19</sup> Como mostrou Jaa Torrano, o simples fato de Tucídides se apresentar como o autor de seu escrito o restringe a “unicamente falar das palavras e das ações de homens mortais”. Os aedos antigos, ao contrário, apresentavam seu canto como a “imagem do canto das Musas”, o que os capacitava a narrar o devir dos Deuses. Cf. TORRANO, Jaa. *O sentido de Zeus. O mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo*. São Paulo, Iluminuras, 1996, pp. 155-164. Quanto aos atomistas ver FARRAR, C. *op. cit.*, pp. 192-264; LENOBLE, R. *op. cit.*, pp. 81-103.; LONG, Anthony. *La filosofía helenística. Estoicos, epicúreos, escépticos*. Madri, Alianza Editorial, 1987 (1975).

<sup>20</sup> Cf. C. ROSSET, C. *A antinatureza. Elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro, Espaço e tempo, 1989 (1973), p. 11. Tucídides não apela à nenhuma metafísica para explicar a realidade, observa C. Farrar, expondo a posição dominante na historiografia contemporânea. Cf. FARRAR, C. *op. cit.*, p. 12.

<sup>21</sup> *Idem*, pp. 42 e 126-191.

<sup>22</sup> Tradução baseada em ROMILLY, Jacqueline de. THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnese*. Livre I. Paris, Les Belles Lettres, 1953.

<sup>23</sup> E a História está repleta desses desastres. Tucídides relata com destaque, por exemplo, que a insignificante comunidade de Melos, uma vez conquistada pelos atenienses, teve seus homens em idade militar executados, suas mulheres e crianças escravizados e seu território ocupado por colonos da Ática (V, 116,4). E o próprio Tucídides fez parte das estatísticas inéditas (segundo ele mesmo) dos exílios ocorridos durante a guerra.

<sup>24</sup> Cf. PARRY, Adam. *Logos and ergon in Thucydides*. 2ª ed., Salem, Ayer, 1988 (1981), pp. 07 e 114-116.

<sup>25</sup> Cf. PIRES, Francisco Murari. *Mito e História. (Homero, Tucídides e os Princípios da Narrativa)*. Tese de Livre Docência, São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, 1995. (reprografado), pp. 150-155 e 180-184.

<sup>26</sup> Cf. HORNBLLOWER, Simon. *A commentary on Thucydides*. vol. 01, 2ª ed., Oxford, Clarendon Press, 1992 (1991), p. 63.

<sup>27</sup> Cf. PARRY. A. *op. cit.*, p. 116.

<sup>28</sup> Cf. LLOYD, G.E.R. *Early greek science*. New York, London, Norton, 1970, p. 29.

<sup>29</sup> I 22,4. Ver PIRES, Francisco M. *op. cit.*, pp. 152-155.

<sup>30</sup> Cf. KNOX, Bernard. *Oedipus at Thebes*. New York, Norton, 1957, p. 133.

<sup>31</sup> Cf. ROSSET, C. *op. cit.*, p. 26.

<sup>32</sup> Cf. MARINATOS, Nanno. *op. cit.*, p. 24.

<sup>33</sup> Cf. LENOBLE, R. *op. cit.*, pp. 59-60.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 59; em *A vida do espírito*, Hannah Arendt estuda a descoberta desse “homem interior” tendo como ponto de partida a noção aristotélica de proairesis. Ela considera a obra de Santo Agostinho, o qual classifica como o “primeiro filósofo da vontade”, como reveladora da consolidação da interioridade psicológica. ARENDT, H. *A vida do espírito. O pensar. O querer. O julgar*. Volume I. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992, pp. 227-267.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 262.

<sup>36</sup> Cf. FARRAR, C. *op. cit.*, p. 240.

<sup>37</sup> Da mesma forma, quando historia a expedição ateniense à Sicília, no sexto ano da guerra, registra a ocorrência a erupção do Etna que destruiu a parte do território dos cataneus situada ao sopé da “mais alta montanha da Sicília” (III, 116). E quando menciona a ocorrência de um eclipse parcial do sol no início do sexto ano do conflito - o qual é relacionado à lua nova - Tucídides registra a ocorrência simultânea de um terremoto (IV, 52,1).

<sup>38</sup> Cf. OUDEMANS, Th. e LARDINOIS. *op. cit.*, p. 31.